

O SOM QUE O DOCUMENTO TEM: O *PODCAST* E O PRINCÍPIO MONOGRÁFICO

The sound that a document has: podcast and the monographic principle

Kelly M. Ayala de Carvalho (1), Gustavo Silva Saldanha (2)

(1) Bibliotecária em SB/FGV, kellyayala10@gmail.com (2) Professor e pesquisador adjunto em IBICT - UNIRIO, Rio de Janeiro, saldanhaquim@gmail.com

Resumo

O presente artigo, a partir do método bibliográfico, discute as relações de apropriação e uso do podcast na pesquisa biblioteconômico-informacional. Para isto, o movimento teórico procura, primeiramente, identificar as margens de definição do podcast e seu contexto em meio à chamada web 2.0, incluindo sua origem etimológica, seu conceito, seu decurso histórico. No plano empírico, o estudo adota a condição do podcast na *Library of Congress* como modelo para as discussões contemporâneas emergentes sobre o fenômeno. No plano teórico, a discussão encontra na noção de “princípio monográfico” de Paul Otlet as margens epistemológico-históricas de compreensão do papel do podcast, como conceito e ferramenta, no escopo do pensamento biblioteconômico-informacional.

Palavras-chave: Podcast; Web 2.0; Documento; Princípio monográfico; Organização do Conhecimento.

Abstract

This article discussed the relationships of appropriation and use of the podcast in Library and Information Science research. For this purpose, the theoretical movement first identified the boundaries of definition of the podcast and its context in the web 2.0, including its etymological origin, its concept and its historical course. At the empirical level, the study adopted the podcasting status in Library of Congress as the model for emerging contemporary discussions of the phenomenon. On the theoretical level, the discussion found in Paul Otlet's notion of "monographic principle" the epistemological-historical margins of understanding the role of the podcast as a concept and tool within the scope of library-information-informational thinking.

Keywords: Podcast; Web 2.0; Document; Monographic Principle; Knowledge Organization.

1 Introdução

O presente artigo procura discutir as relações de apropriação e uso do podcast na pesquisa biblioteconômico-informacional. Para isto, o movimento teórico procurou, primeiramente, identificar as margens de definição do *podcast* e seu contexto em meio à chamada *web 2.0*, incluindo sua origem etimológica, seu conceito, seu decurso histórico.

Reconhecendo ainda como rara a amplitude da pesquisa sobre o fenômeno, apesar da ampla disseminação e apropriação na esfera midiática digital, procuramos uma espécie de *exempla* capaz de ofertar um cenário para observação, ou seja, um possível *corpus* pré-determinado para as primeiras inferências analíticas. Deste modo, no plano empírico, o estudo adota a condição do *podcast* na *Library of Congress* como modelo para as discussões contemporâneas emergentes sobre o fenômeno.

No plano teórico, a investigação adentra o questionamento sobre a condição conceitual e instrumental do fenômeno, aproximando-se, para tal, do discurso documentalista e de seus desdobramentos na atualidade. Deste modo, a discussão encontra na noção de “princípio monográfico” de Paul Otlet as margens epistemológico-históricas de compreensão do papel do *podcast*,

como conceito e ferramenta, no escopo do pensamento biblioteconômico-informacional.

Os procedimentos metodológicos, desse modo, se articulam entre a) as perspectivas bibliográfica e documental, estando a primeira interessada em mapear fontes que constituem um modelo, ainda que preliminar, de reflexões sobre o fenômeno, e a segunda orientada para a identificação de fontes complementares, de caráter primário, não especializadas, que permitem aportar elementos discursivos e técnicos atuais para os estudos em construção sobre o *podcast* no campo biblioteconômico-informacional; b) a perspectiva de análise empírica, concentrada em um caso específico analisado.

Enfatiza-se, pois, no plano documental, que a ausência de fontes bibliográficas retrospectivas e críticas sobre o fenômeno nos conduziu, em alguns momentos, à aproximação aos dados primários não-especializados, disponíveis em fontes abertas de produtores e usuários diretos do *podcast* que, se não permitem a construção de argumentos consolidados, legam-nos um retrato intersubjetivo, tanto no plano dos sujeitos quanto no plano institucional, do movimento contemporâneo que se instaura no e em torno do fenômeno.

2 Reconhecendo o *podcast*: uma sonoridade da *web 2.0*

Antes da compreensão sobre o que pode vir a ser o *podcast* é necessário reconhecer o contexto em que este está inserido, ou seja, a chamada *web 2.0*, distinguida como espaço recente de interação e de produção aberta e colaborativa de diferentes conteúdos, de aplicativos e de outros processos digitais. Segundo Maness (2007), atualmente o termo é usado e interpretado em larga escala. Contudo, o âmago da noção não participa da dinâmica da publicação textual, mas da comunicação multisensitiva. Como possível “fruto” da *web 2.0*, o *podcast* ocuparia um outro ponto fenomênico do território dinâmico em processo de mutação permanente, tão comum quanto as atividades cotidianas, porém capaz de influenciar milhões de pessoas (Pollock, 2010).

Uma das modificações existentes na *Web 2.0* é a possibilidade de interações interpessoais, permitindo novas conexões e debates a partir de diversas opiniões em seu espaço interativo utilizando-se de questões tecnológicas e multimídia (Maness, 2007). Segundo Pollock (2010), a *web 2.0* pode ser vista também como um *boom* publicitário onde suas redes sociais estão conectadas ao poder aquisitivo e o próprio povo é seu mecanismo de crescimento. Pessoas passam a possuir mais confiança no que se encontra na *web*, do que em outros meios considerados obsoletos.

Neste contexto informacional encontra-se a noção aproximada de “biblioteca 2.0”, definida por Maness (2007, p. 44) como “a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídias baseadas em *web* para serviços e coleções de bibliotecas baseados em *web*”. O autor afirma que há quatro elementos essenciais pertencentes a este tipo de biblioteca: o foco em seu usuário, permitindo a participação dos usuários na criação de conteúdos e serviços, permitindo uma dinâmica no conteúdo criado e consumido; oferecimento de uma experiência multimídia, contendo componentes de áudio e vídeo (podemos encaixar o uso do *podcast* neste elemento essencial); sua essência socialmente rica, permitindo a presença dos usuários e a comunicação entre eles e com os bibliotecários e, por último, seu caráter comunitariamente inovador que busca continuamente a mudança de serviços para achar novas formas de buscar e recuperar a informação.

É neste ambiente que surge o *podcast*, termo relativamente novo, que apresenta duas vertentes etimológicas sobre sua origem. A primeira, segundo Sarkar (2012), afirma que a palavra surgiu a partir da junção de *iPod* com *Broadcast* (distribuição/transmissão de dados), enquanto a segunda, defendida pela *Digital Minds* (Arthur e Schofield, 2006 apud Jesus, 2014), afirma que a palavra seria *Personal On Demand broadCAST*. Contudo, esta definição gera uma interpretação diver-

gente da pretendida por Ben Hammersley (desenvolvedor *web*).

Wagner Jesus (2014, p. 23) apresenta a definição e diferenciação de *podcast* e *podcasting*, afirmando que:

Podcast é um arquivo de mídia transmitido via *Feed RSS* (Real Symple Syndication – forma de distribuição de conteúdo online). Essa transmissão recebe o nome de *Podcasting*. O formato mais comum de *Podcast* é o áudio, mas isso não exclui outros formatos de mídia.

Segundo Bierman e Valentino (2011), *podcast* é um termo novo e, por esta razão, torna-se apropriado considerar diferentes escolas de pensamento. A demarcação semântica sustentada pelo *New Oxford American Dictionary*, que fornece uma definição ampla e inclusiva, afirma que o *podcast* é uma gravação digital de uma transmissão de rádio ou similar a isto que se encontra disponível online, para *download*, para uma reprodução em dispositivo de áudio. Harris, DeVoe e Ballest são autores que defendem esta definição, a qual aborda o *podcast* como unicamente um arquivo de áudio postado e disponível em um *site*.

Cabe salientar ainda a afirmação de Lucio Luiz (2014, p. 10) para a ampliação das margens de definição (e indefinição) da noção e de sua extensão:

Em princípio, podcasts também são programas de vídeo distribuídos dessa forma. Porém, no Brasil, acabou ficando uma certa “separação” informal que classifica os programas de áudio como *podcast* e os de vídeo como *videocast*.

Em contrapartida a esta vertente, há a escola de pensamento com definição mais restritiva, defendida pela *EDUCASE Learning Initiative*, afirmando que um áudio hospedado em um *site* não é, de fato, um *podcast*, a menos que seus usuários possam se inscrever e receber o conteúdo via RSS ou outra tecnologia similar, ou seja, um *podcast* não seria apenas um pacote de conteúdo (um produto), mas também um método de entrega do conteúdo (um serviço). A definição inclui, pois, a dinâmica de apropriação. (Bierman e Valentino, 2011).

Apesar das divergências etimológicas e de definições, o *podcast* traz consigo uma grande promessa de atender às expectativas e necessidades de seus ouvintes, que sofrem com a grande quantidade de documentos textuais existentes. Pode-se dizer que *podcasting* é uma transmissão do *podcast* (arquivo) e funciona como “[...] um processo que regularmente publica conteúdos de áudio com diversidade de tópicos novos de interesse para os usuários” e *podcaster* como “a pessoa de quem a voz é gravada no arquivo *podcast*” (Sarkar, 2012, p. 192, tradução nossa). Esta definição se enquadraria na definição de *podcast* de Bierman e Valentino (2011) quando estes afirmam que há um método de entrega do conteúdo.

Para a discussão sobre as fronteiras da noção, devemos também compreender o conceito de RSS *feed* (ou ali-

mentadores de RSS). Estes “fornecem ao usuário um jeito de organizar e republicar conteúdo na web” (Maness, 2007, p. 48), e é definido por Lucio Luiz (2014, p. 10) como:

[...] uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site. Ou seja, em vez de o internauta ir até o conteúdo, é o conteúdo que ‘vai’ para o internauta.

Jesus (2014) afirma que o *feed* RSS é um arquivo de texto em XML (*Extensible Markup Language*) que informa aos programas “agregadores” a existência de novos conteúdos no domínio (*site* ou *blog*). Desta forma, basta verificar se há novas atualizações em seus *feeds* de notícias nos agregadores. Para o autor (2014), a característica fundamental do *podcasting* que o diferencia dos demais é o *feed* RSS aliado ao uso do agregador. Este é responsável pelo reconhecimento e *download* do *podcast* sem uma interferência do usuário, oferecendo junto ao *feed* uma atualização automática do conteúdo.

2.1 Podcast: decurso histórico

Segundo Lucio Luiz (2014), diversas ideias surgiram recentemente (últimos 20 anos) na discussão sobre os modos de autonomização do acesso ao conteúdo de *audioblogs* e outros programas de áudio. O avanço tecnológico se deu graças ao excesso de aparelhos portáteis de reprodução de áudio, principalmente os de formato MP3.

Com esta contextualização, Dave Winer, junto de sua equipe, em 2003, criou o *enclosure*. A ferramenta fez com que o RSS funcionasse não apenas com textos, mas também com arquivos de áudio, para que Christopher Lyndon, jornalista, disponibilizasse uma série de entrevistas na rede. O *enclosure* permite o compartilhamento de arquivos de mídia – imagens, sons, vídeos ou a própria informação em texto como o primeiro *feed* já fazia – anexados ao *feed* RSS (Luiz, 2014).

No ano seguinte, Adam Curry, considerado o *podfather* (Pai do *podcast*), empresário e ex-VJ (Video Jockey) da MTV, desejou compartilhar seu programa de rádio que produzia e disponibilizar o áudio do programa para seus ouvintes, via RSS 2.0 com o script de Kevin Marks. Ele foi o primeiro a pegar um iPod e disponibilizar um arquivo de áudio pelo RSS para o iTunes (agregador) (Sarkar, 2012).

Este sistema recebeu a nomenclatura de *RSStoIPod* e foi disponibilizado para utilização de forma livre por outros programadores, o que permitiu o surgimento de outros agregadores que possibilitasse o *download* automático do arquivo de áudio (Luiz, 2014).

Para esta transmissão de dados foi dada a nomenclatura *podcasting*, sugerida por Ben Hammersley, em fevereiro de 2004, no famoso jornal *The Guardian*. Contextualmente, ele usou o termo para definir a maneira que as

entrevistas de Lyndon foram transmitidas (*feed* RSS 2.0), resultando no novo sistema de transmissão de dados (*podcasting*). O sistema criado, apesar de fazer apologia ao produto iPod, não ficou limitada a este. O que ocorreu foi uma popularização deste termo e a partir disto os programas distribuídos via *podcasting* passaram a ter a nomenclatura *podcast* (Luiz, 2014).

Leo Lopes, em palestra disponibilizada no YouTube no ano de 2014, afirma que o *podcast* viveu um momento de transição de ferramenta de distribuição de conteúdo para tornar-se uma mídia e passou a ter interesse de empresas para se anunciar produtos devido à fidelização dos assinantes, que são em sua maioria engajados com a mídia. Grandes marcas como LG, Samsung, Nokia, Submarino e Bradesco acreditam e investem no *podcast* devido à sua visibilidade.

2.1.1 O podcast no Brasil

Em 21 de outubro de 2004 surge aquele que é considerado o primeiro *podcast* brasileiro, o *Digital Minds*, criado por Danilo Medeiros. Esse fazia parte do *blog* que detinha o mesmo nome. Pode-se dizer que este *blog* não foi pioneiro na disponibilização de áudios para *download*, mas sim que foi o pioneiro a fazê-lo via *podcasting*. Após o *Digital Minds*, houve novos adeptos exponencialmente, e em 2005 foi organizada a primeira edição da Conferência Brasileira de *Podcast* (PodCon Brasil). A *Podcon* (*Podcast Conference*) foi o primeiro evento brasileiro exclusivo para a mídia emergente, ocorrendo nos dias 2 e 3 de dezembro em Curitiba (Luiz, 2014).

Entretanto, houve problemas no decorrer desta nova mídia. Segundo Lucio Luiz (2014, p. 11) relata:

[...] apesar do promissor crescimento da mídia podcast, ainda em 2005, ocorreu o chamado “podfade”: o fim de vários podcasts no Brasil e no mundo pelas mais diversas razões. O fenômeno continuou até o início de 2006, adiando projetos como o Prêmio Podcast e as novas edições da PodCon.

A quantidade de *podcasts* sobreviventes da primeira geração brasileira foi muito baixa, mas felizmente, em 2006, novos *podcasts* começaram a ser criados e houve maior crescimento, principalmente em 2008, com a adição da categoria *Podcast* no prêmio iBest [1]. No mesmo ano deste prêmio, houve também, com a organização realizada por Eddie Silva, a primeira edição do Prêmio *Podcast*. Esta foi a primeira premiação exclusiva para a mídia. Contudo houve apenas mais uma edição em 2009 (Jesus, 2014).

Os *podcasts* pós-*podfade* eram inspirados em programas de rádio voltados para o público jovem, trazendo humor e utilizando-se de técnicas e mixagens de som. Além disto, os assuntos abordados eram de fácil entendimento e de gosto geral. Comparados aos pioneiros nacionais, estes eram totalmente diferentes, pois os pioneiros buscavam se assemelhar a programas norte-

americanos de pouca edição e mixagem, assemelhando-se bastante a programas ao vivo de rádio (Luiz, 2014).

Ainda segundo Lucio Luiz (2014, p. 13):

[...] no Brasil, podcast é praticamente sinônimo de programas de áudio, devido à pouca produção de podcasts em vídeo (não confundir com os programas distribuídos apenas no YouTube, que, por não poderem ser baixados via *feed*, não são videocasts).

Neste cenário, o autor afirma que o Brasil já possui sua *podosfera* bem consolidada, com uma gama abrangente de temas e programas de *podcasts* com uma identidade autêntica. É comum a ajuda entre os programas e não uma esfera de disputa e conquista de público.

2.2 Registros sonoros: entre o rádio e o *podcasting*

Os pioneiros da radiofonia no Brasil acreditavam neste meio de transmissão de sons (ou veículo de comunicação) como uma forma de integração da nação, considerando-se o rádio como um contribuinte do nosso desenvolvimento tanto social quanto intelectual (Costa e Paulilo, 2015).

Segundo Nair Prata (2008, p. 2-3), conforme o rádio se desenvolve, ele se reinventa e novas pesquisas surgem constantemente para tentar entender suas novas facetas. Com isto, a autora afirma a distinção de dois tipos de radiofonia:

1. Radiofonia analógica: emissoras que realizam transmissões analógicas através de irradiação e modulação das ondas eletromagnéticas, também chamadas de rádios hertzianas;
2. Radiofonia digital: a) emissoras de rádio hertzianas com transmissão digital e b) emissoras de rádio com existência exclusiva na internet ou *webrádios*.

Herreros (2003, p. 29 apud Zanella e Sprandel, 2009, p.8-9), delimita três tipos de gerações do rádio:

A primeira geração esteve definida pelos passos iniciais, pela ampliação de coberturas territoriais e pela incorporação crescente de conteúdos. A segunda se produziu com a introdução dos transistores, a FM, a estereofonia e o magnetófono. A terceira se empreende agora com o salto do rádio analógico ao rádio digital.

Dentro destes três tipos de gerações do rádio, identificamos a definição dos três modelos de rádios, reconhecidos por Prata (2008, p. 3), onde o *webrádio* (também chamado de rádio digital) está inserido, a saber:

- Emissoras hertzianas;
- Emissoras hertzianas com presença na internet;
- Emissoras com presença exclusiva na internet (*webrádios*).

Em seu reconhecido Curso de *podcast* (2014) no ambiente digital, o ativista Leo Lopes afirma que, na dimensão das mídias, consideradas em seus primórdios como um bem durável de entretenimento familiar e que possuía posição de destaque nas residências, perde-se um número considerável de ouvintes, devido à incompatibilidade deste na rotina do homem atual. Às novas tecnologias passam a aderir usuários em um espaço de tempo menor do que suas precursoras, tendo-se um exemplo do período em anos que a nova tecnologia levou para conseguir alcançar 50 milhões de usuários na tabela a seguir:

Rádio	Internet	iPod
38 anos	4 anos	3 anos

Tabela I. Estimativa em anos para a obtenção de 50 milhões de ouvintes.

Fonte: Curso de podcast (2014).

Conforme visto na tabela acima, após a internet há um maior alcance em um menor espaço temporal das novas tecnologias, como o iPod, e é neste meio que emerge o *podcast* e, além disto, a tentativa do rádio de se reinventar através de seu modelo atual, a *webrádio*.

A *webrádio* surge com o ideal de oferecer sua programação de rádio aos seus ouvintes em tempo real, de forma direta, pelo *Bit streaming*, com uma qualidade de som superior aos outros modelos além de ampliar a cobertura territorial, oferecendo programas e serviços variados, mas mantendo os elementos característicos do rádio, que estão presentes nas emissões hertzianas. Através destes, é disponibilizado pela emissora responsável, através do *site*, ferramentas que permitem a interação ouvinte-locutor, como *chats*, *blogs*, vídeos e fotos (Zanella e Sprandel, 2009).

Além de sua programação em tempo real *online*, a *webrádio* também disponibiliza o *download* dos seus programas após o término destes, permitindo ao ouvinte montar sua própria programação, selecionando os programas de seu interesse para ouvi-los na hora desejada. Este serviço visa o alcance do público que prefere o modelo de conteúdo sob demanda, onde é possível ao ouvinte organizar seus horários independentemente da programação, e que antes não era alcançado pelos rádios (Zanella e Sprandel, 2009).

A presença da transmissão *podcasting* só se justifica pela existência da internet. Através de seus produtores de conteúdo, a rede mundial de computadores oferta ao ouvinte, ou assinante (pode-se chamar o ouvinte de assinante, pois a característica marcante do *podcast* é a sua assinatura via RSS) um conteúdo sob demanda (*on demand*) - a qualquer momento é possível escolher o que e onde ouvir o programa. Além disto, há flexibilidade, portabilidade (leva-se para onde quiser, por exemplo, através do celular), interatividade, fidelização por parte do assinante (o *podcast* agrega, devido às

diferentes abordagens de se falar sobre o mesmo tema em diferentes programas), forte engajamento de sua esfera (entusiasmados – se envolvem e se interessam cada vez mais pela *podosfera* e entusiastas – estão tão entusiasmados com a *podosfera* que desejam participar desta criando seu próprio programa) (Curso de *podcast*, 2014).

Dadas as análises de teóricos e ativistas da *web 2.0*, podemos perceber que a chamada *webradio*, quando comparada às tentativas de demarcação da “filosofia” dos *podcasts*, encontra muitas semelhanças e as características que as diferenciam possuem uma tênue alternância. Wagner Jesus (2014) afirma que o *Podcasting* se apropriou de elementos característicos da rádio tradicional, sendo comum este tipo de apropriação dos elementos da mídia antecessora pela sucessora, herdando e apropriando-se destes de tal maneira que os atualiza para a atual época.

Podemos analisar abaixo algumas características diferenças entre as mídias elencadas:

<i>Podcasting</i>	<i>Webradio</i>
Desincronia entre a produção e a reprodução	Sincronia com a transmissão
Ausência de regras rígidas	Regras rígidas de locução e restrição de termos de linguagem
Não necessita de concessão ou permissão	Concessão pública
Possibilidade de reprodução <i>off-line</i>	Necessidade de sintonia via <i>streaming</i> pela Internet

Tabela II. *Diferenças entre Podcasting e Webradio.*

Fonte: Wagner (2014).

Observa-se que a *webradio*, por ser uma vertente do “rádio tradicional”, acaba por possuir uma rigidez que advém da sua história e tradição. Esta não é exigida para os *podcasts*, que buscam sempre a praticidade, tanto de quem produz quanto de quem escuta. Além disto, não há tamanha burocracia, como a necessidade de concessões, para a produção e a distribuição dos *podcasts*.

3 O *podcast* e sua apropriação biblioteconômico-institucional: da pesquisa às aplicações

O ambiente digital trouxe consigo alterações significativas dos padrões de necessidades e expectativas dos usuários das bibliotecas. Com a proliferação documental, estes estão se tornando exponencialmente presentes na Internet e tornando-se onipresentes. Pode-se dizer que as bibliotecas físicas e digitais estão perdendo gradualmente suas diferenças, não sendo mais tão distintas (Sarkar, 2012, p. 191).

Esta semelhança faz com que as bibliotecas introduzam as tecnologias pertencentes à *Web 2.0* em seus produtos e serviços, com ênfase em sites e catálogos dinâmicos ou interativos, para incentivar a interação dos usuários com a biblioteca, além de promover eficazmente os serviços *Web* desta (Ralph e Olsen, 2007 apud Sarkar, 2012).

Para o plano bibliográfico, o estudo identificou, na revisão *Library & Information Science Abstracts* (LISA), até 2015, 40 (quarenta) resultados revocados para a busca simples por *podcast*. Na avaliação dos resultados, o estudo reconheceu como fontes centrais e pertinentes para a reflexão do *podcast* no contexto biblioteconômico-informacional as pesquisas de Sarkar (2012) e Balas (2005).

Por sua vez, tanto pela monumentalidade de seus projetos quanto pela objetiva apropriação e aplicação do *podcast*, a *Library of Congress* foi reconhecida como campo empírico coerente para o estudo, como a análise procurará demonstrar.

3.1 A dimensão bibliográfica: discussões sobre o *podcast* na literatura biblioteconômico-informacional

Os indícios institucionais de apropriação e de uso demarcam uma aceitação gradativa dos *Podcasts* pelas bibliotecas, com a intenção de criar conteúdo de áudio disponível para *download* gratuito a seu público, alcançando seus usuários potenciais e reais, mesmo quando estes estão distantes do espaço físico da biblioteca e não podem ir ao local, oferecendo um suporte aprimorado para estudantes que se utilizam do áudio como ferramenta de estudo, constituindo 30% do total de alunos e, além disto, descrevendo e promovendo recursos e treinamentos da biblioteca (Badley, 2007 apud Bierman e Valentino, 2011).

O uso do *podcast* em bibliotecas libera o usuário da tarefa de ir a textos extensos, e permite que ouçam a informação desejada e, também, os guie no uso dos recursos da biblioteca, poupando seu tempo e conciliando o áudio com informativo com tarefas que não podem ser conciliadas com a leitura textual como, por exemplo, dirigir (Sarkar, 2012, p. 191).

Janet L. Balas, bibliotecária, em 2005, antes dessa mídia completar um ano, colocou em discussão sua condição no artigo *Blogging is so last year – Now Podcasting is hot*. O artigo não trata de conselhos e dicas para a aplicação do *podcast* no ambiente biblioteconômico, mas busca explorar o fascínio exercido pela mídia e a visão da autora sobre sua utilidade em bibliotecas. Para ela, os profissionais gostam de passar uma imagem de conhecedores tecnológicos, mas gastando sabiamente o curto orçamento que bibliotecas recebem (Balas, 2005).

Balas (2005) relata o início do uso de *podcasts* em organizações profissionais e apresenta o OPAL (*Online*

Programming for All Libraries), um esforço colaborativo entre bibliotecas para promover treinamentos e programações no ambiente *Web*. O OPAL disponibilizou em seu *site* seções e instruções para ensinar sobre *podcasts*. Ela afirma que há vários programas com diversidade de conteúdos e bibliotecários que utilizavam anteriormente o *blog* estão migrando para o uso do *podcast*.

Em seus estudos, Tanmay Sarkar (2012) afirma que o *podcast* vem sendo usado na educação de ensino superior como ferramenta educacional, em ambientes corporativos, de negócios e em bibliotecas. Ele afirma que o sucesso do crescimento da mídia se deve à adoção deste em nível institucional.

Para Sarkar (2012), a biblioteca deve compreender todos os tipos de *podcasts* e encorajar a criação destes por seus usuários para que desenvolva uma conexão social e cognitiva entre o bibliotecário e sua comunidade, promovendo assim os serviços da biblioteca e tornando o conhecimento de determinada área acessível para ele. Outro ponto abordado tanto em Sarkar (2012) quanto Balas (2005), pelo qual a biblioteca pode adotar a mídia, é seu baixo custo de criação.

Sarkar (2012, p. 195) afirmava que

[...] poucas pesquisas são encontradas na literatura, focadas no levantamento e avaliação de podcasts em bibliotecas acadêmicas e públicas, o que demonstra unicamente a diferença com que as bibliotecas aproveitam a potencialidade desta tecnologia pelo globo. Além disto, continuará um espaço na área que chama a atenção para futuras pesquisas sobre. (Tradução dos autores)

Em sua pesquisa sobre *podcasts* exclusivamente de língua inglesa no ambiente biblioteconômico, Sarkar (2012) investigou as bibliotecas públicas e universitárias dos quatro continentes, abrangendo 310 instituições. Dentre estas, 83 (27%) usavam o *podcast*, apesar das características e propósitos de uso variarem entre as bibliotecas. Algumas produziam o programa em mais de um idioma para atender aos usuários que realizavam intercâmbio e vieram de outros países. Cabe ressaltar que as bibliotecas da pesquisa não adotavam a fusão existente de *podcast* e *videocast*, onde o primeiro é exclusivo de áudio e, o segundo, de vídeos.

Nos estudos de Sarkar (2012) encontramos as características de apropriação dos *podcasts* em bibliotecas. Pode-se dizer que é comum, dentre as categorias de serviços e produtos em *podcasts* no ambiente biblioteconômico, segundo a pesquisa, a realização de programas de *tours online* na biblioteca, treinamento para busca geral, pesquisas no catálogo da biblioteca, treinamento para uso dos recursos disponíveis da biblioteca, guia para uso das facilidades da biblioteca, informações gerais, como utilizar ferramentas de busca, resenhas de livros, palestras, entrevistas e discursos.

No gráfico abaixo podemos identificar a prevalência do uso de *podcasts* entre os continentes, com a predominância na América do Norte, onde este mecanismo é mais utilizado, seguido respectivamente por Oceania (representado exclusivamente pela Austrália), Europa e Ásia.

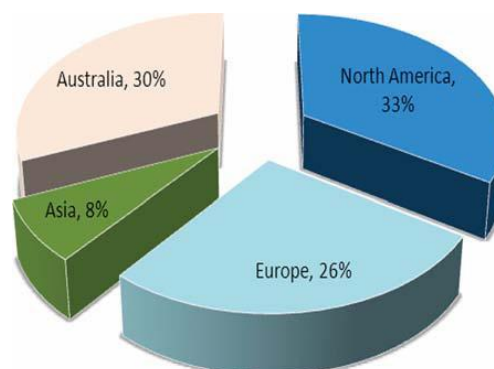


Gráfico I. Predomínio do podcast nos continentes.

Fonte: Sarkar (2012, p. 208).

Percebe-se que a pesquisa realizada não é válida para o Brasil por se tratar apenas de *podcasts* no idioma inglês, mas a partir desta é possível ver a maneira como o uso desta nova mídia está sendo seguida por bibliotecas no exterior. No cenário brasileiro, há apontamentos de *podcasts* universitários, de caráter institucional e não de bibliotecas, surgindo como o da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), USP (Universidade de São Paulo) e Unesp (Universidade do Estado de São Paulo).

Apesar da utilização da nomenclatura, ao acessarmos os *sites* verificou-se a ausência das características de um *podcast*. Na UFRGS, ao tentarmos assinar o *feed* foi encontrado erro de *script*, não sendo possível a assinatura do programa. Por esta razão, nós o desconsideramos como tal visto que estaria mais voltado para um programa de áudio onde está disponibilizado o conteúdo para *download* por listas.

O mesmo ocorreu com os *podcasts* da USP e UNESP: para ter acesso aos programas foi necessário procurá-los em uma lista e realizar o *download* individualmente, sem permitir uma assinatura. Em ambos os casos, ao contrário da UFRGS, não há a possibilidade de assinatura do *podcast*. Constatou-se que nos três casos o órgão responsável é ligado a rádio universitária e a nomenclatura *podcast* refere-se objetivamente aos arquivos de áudio.

3.2 O caso da *Library of Congress* e a manifestação do princípio monográfico no *podcast*

A *Library of Congress* (LC) possui em seu domínio uma página exclusiva para seus programas de *podcast*. É possível encontrá-la através do menu, em *Discover*, no *dropdown Multimedia*. O caminho necessário para

encontrá-lo não é de fácil acesso, exigindo um esforço por parte do usuário, que segundo Sarkar (2012) acaba diminuindo o número de acessos e assinaturas.

Em *Multimedia*, há a divisão em dois *links* diferentes: *Audio Podcasts* e *Video Webcasts*. Isto demonstra que a LC não adota a nomenclatura usual da literatura estrangeira de *podcast* e *videocast*, mas realiza a cisão entre áudio e vídeo. Além disto, vale ressaltar que apenas três episódios possuem a opção de mais de um idioma, em um total de 99 disponibilizados.

Ela define o *podcast* como sendo:

[...] um arquivo de áudio ou vídeo que está disponível para se ouvir ou ver no seu computador ou para download para um dispositivo de mídia portátil ou mp3 player. Podcasts são geralmente partes de uma série e são distribuídos através de episódios individuais. Você pode se inscrever para uma série de podcasts usando um feed RSS para que os novos podcasts sejam transferidos automaticamente para o computador quando novos episódios estiverem disponíveis (tradução nossa).

Podemos perceber, ao analisar esta definição, que apesar de afirmar que o *podcast* é um arquivo de áudio ou vídeo, a própria LC separa os dois tipos de mídia dentro de *Multimedia*. A LC possui 13 programas de *podcasts*, separados por temas específicos, os quais são: (1) *Voices from the Days of Slavery*, (2) *Music and the Brain*, (3) *Conversations about Digital Preservation*, (4) *Q&A with LCM: Interviews with Library of Congress Magazine*, (5) *Alan Lomax and the Soundscapes of the Upper Midwest* e (5) *National Book Festival* (8 programas referentes aos anos de 2007 a 2014).

A LC ensina ao usuário, na seção de ajuda, de forma clara e objetiva, como se inscrever e ouvir os *podcasts*, além de trazer perguntas como “Por que devo me inscrever em *podcasts*?”. A resposta desta pergunta é a seguinte: “Inscrever-se em um *podcast* é um método simplificado de receber conteúdo de áudio ou vídeo de interesse” (tradução nossa).

Os programas da LC fazem referência cruzada com outros serviços oferecidos pela biblioteca e que possam ser de interesse do assinante. Podemos ter como exemplo o caso do *Music and the Brain* que oferece os concertos realizados pela biblioteca e a enciclopédia de performances artísticas. Logo, apesar de difícil acesso, os *podcasts* estão interligados com os demais produtos e serviços oferecidos aos usuários da biblioteca.

Na tabela 3 pode-se conferir os programas e o quantitativo de episódios lançados e o período em que foi disponibilizado no site da biblioteca (Apêndice). Para o *National Book Festival* será apresentada uma tabela à parte com maiores detalhes a fim de se compreender melhor a divisão da publicação anual do programa.

Na tabela 4 podemos reparar que os programas não possuem periodicidade específica para o lançamento de novos episódios e que os programas não são contínuos

(Apêndice). Além disto, apenas no *National Book Festival* há uma periodicidade anual de publicação. Contudo, a publicação é de programas e não episódios.

O *National Book Festival* é o título dos programas lançados anualmente referente ao Festival Nacional do Livro. Cada programa conta com os autores convidados do festival do ano em que o programa foi lançado e cada episódio é destinado para um autor específico. A sequência anual do *National Book Festival* foi continuada em *videocast* e pode ser encontrada na seção de *Webcasts* da LC.

4 Discussões: o som do *podcast* ramificado na trilha teórico-histórica do princípio monográfico otletiano

Reconhecendo as aproximações bibliográficas e as abordagens empíricas já experienciadas com o *podcast* em ambientes biblioteconômicos, podemos discutir a apropriação do conceito na dimensão teórica do campo. Em nossa visão, o “habitat natural” do fenômeno (a *web 2.0*) e sua emancipação a partir da última década não afastam nossa percepção no plano epistemológico-histórico da constituição do léxico dedicado à observação do real que se apresenta pelo mundo documental.

Neste sentido, as perspectivas otletianas (Otlet, 1934) e brietianas (1951) são reencontradas como cenário conceitual central para posicionar o *podcast* em nosso discurso. Especificamente, reconhecemos na construção da abordagem do princípio monográfico o modelo teórico que “abriga” o fenômeno, demonstrando a vitalidade de nossa elaboração epistemológico-histórica e suas possibilidades de rediscussão.

O princípio monográfico estabelece que cada elemento intelectual pode ser incorporado e reincorporado em outras dimensões documentais, ganhando uma “autonomia”, ou seja, tornando-se o “fragmento”, o “outro” documento. O princípio toca diretamente em elementos que configuram a tipicidade do *podcast*, como inovação, indícios intelectuais, multiplicação, compartilhamento, acesso. Como aponta Santos (2007, p. 57)

Esse princípio caracteriza-se como o procedimento pelo qual se fazem coincidir o “elemento intelectual” e o suporte físico da informação. Na prática, trata-se de extrair dos textos aquilo que era considerado novo e informativo e compor um novo volume, constituído de fichas ou folhas soltas. Obtinha-se, com isso, uma nova unidade autônoma de informação. (Santos, 2007, p. 57)

A repercussão do conceito pode ser reconhecida nos estudos contemporâneos tanto em Santos (2007) quanto em Ortega e Lara (2010). Trata-se de reconhecer que

Os sistemas documentários são compostos por unidades potencialmente informacionais selecionadas e organizadas, de tal modo que a seleção realizada e a relação estabelecida entre essas unidades deflagram

a hipótese de organização adotada para o sistema. (Ortega e Lara, 2010, p. 8)

Objetivamente, pode-se reconhecer a aplicação do princípio em distintas “unidades” partícipes da condição fenomênica do *podcast*, ou seja, identificar as “camadas”, dentro de seu próprio universo, compondo-se em um total de cinco níveis potenciais de representação de tal condição. Em um primeiro nível e mais abrangente, estaria a própria *página de podcast da Library of Congress*. Dentro da página encontram-se todos os programas produzidos pela própria LC e que possuem um fim e certa importância dentro da biblioteca, logo há uma fragmentação dos documentos dos demais ofertados por ela. No segundo nível, são considerados os *programas*. Após a separação de todos os *podcasts* dos demais documentos, produtos e serviços da biblioteca, há uma divisão de programas, de acordo com os tópicos que estes abordam, ou seja, assuntos e eventos que possuem diferentes vertentes.

O terceiro nível seria composto pelos *episódios*. Estes possuem uma maior especificidade dentro dos temas que compõem os programas, abordando tópicos específicos em relação ao programa. No quarto nível entra a *especificidade do assunto dentro dos episódios*. Pode-se observar que a divisão dos níveis está intimamente ligada ao quanto o nível do assunto é fragmentado. Neste nível é abordado de forma extremamente específica o assunto.

O quinto nível pode ser visto de forma complementar, com a *divisão dos assuntos dentro dos episódios de acordo com as orações gravadas*, ou seja, funcionaria como um fichamento de um *podcast*. Seria o nível mais específico do assunto onde cada oração significativa proferida seria registrada para uma recuperação a posteriori.

Para isto, tomemos como exemplo o programa *Voices from the Days of Slavery*, da LC. O primeiro nível seria composto pela própria página de *podcast* da LC, que engloba todos os *podcasts* produzidos pela biblioteca. O segundo nível, seria o próprio programa *Voices from the Days of Slavery*, que engloba ao todo três episódios com o tema central “Escravidão”. O terceiro nível seria composto por cada um dos três episódios do programa, separadamente, que são gravados por palestrantes distintos, mas que possuem em comum o tema. Para exemplificar, podemos supor três temas: mulheres na escravidão, colônias de escravos e tráfico negreiro.

O quarto nível englobaria os temas distintos de cada episódio abordados pelos especialistas da área, mas que fazem parte do universo “Escravidão”. Continuando a suposição do exemplo, poderíamos aplicar ao quarto nível, dentro de transportes de tráfico negreiro, o uso das embarcações marítimas no trajeto África-Brasil. O quinto nível seria representado pelas orações proferidas durante o episódio que são consideradas relevantes e essenciais sobre o assunto. Funcionaria como um fi-

chamento, mas registrando-se os minutos em que a informação principal é proferida pelo orador.

Percebe-se que a divisão proposta está de acordo com a utilidade e importância destes, procurando, de modo preambular, reconhecer as “unidades monográficas” potenciais de representabilidade documental do *podcast*. Além disto, a divisão atende ao critério de aderência à mesma área de interesse, dando autenticidade à aplicação do princípio neste estudo de caso aplicado.

5 Conclusões

O estudo, de um lado, revela a emergência dos estudos sobre os *podcasts* no pensamento biblioteconômico-informacional contrastada com a ausência de estudos pontuais sobre a teoria e a aplicação do fenômeno no campo. Por sua vez, reconhecemos como passível de comprovação as experiências qualitativas em serviços e produtos, como da *Library of Congress*, responsáveis potenciais pela identificação dos primeiros padrões de uso e de apropriação do *podcast* em instituições biblioteconômicas.

Igualmente relevante para a investigação, o plano teórico aponta para a vivência de uma perspectiva epistemológico-histórica do pensamento documentalista, principalmente da elaboração conceitual de Paul Otlet, como ferramentas analítico-conceituais ainda em absoluto aplicáveis aos contextos de mutação. Neste sentido, concluímos que os elementos mais virtualmente inovadores do fenômeno do *podcast* podem ser apreendidos pela noção de princípio monográfico.

Em outras palavras, a categoria analítica propiciada pelo léxico otletiano permite o reconhecimento do *podcast* não como um entrave, ou uma novidade passageira, mas como o desdobramento do documento em sua multiplicidade recontextualizada. Se o habitat tecnológico do *podcast* é uma certa *web 2.0*, podemos afirmar que uma de suas aldeias epistemológico-históricas está no pensamento otletiano.

Notas

- [1] O iBest é considerado um dos principais prêmios brasileiros voltados à Internet.
- [2] Esta pesquisa foi desenvolvida sob o fomento do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Referências

- Balas, J. L. (2005). Blogging is so last year – now podcasting is hot. // *Computers in Libraries* 25:10 (2005) 29-32.
- Balleste, R.; Rosenberg, J.; Smith-Butler, L. (2006). Podcasting, vodcasting, and the law: how to understand the latest ‘IT’ technology and use it in your library. // *AALL Spectrum*, Estados Unidos, 10:8 (2006) 8-10.
- Bierman, J.; Valentino, M. L. (2011). Podcasting initiatives in American research libraries. // *Library Hi Tech* 29:2 (2011) 349-358.

- Briet, S. (1951). *Qu'est-ce que la documentation?* Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, Paris, 1951.
- Devoe, K. (2006). Innovations affecting us: podcasting, coursecasting, and the library. // *Against the Grain*, Estados Unidos, 18:1 (2006) 78-85.
- Costa, P. C. da; Paulilo, A. L. (2015). Arautos do improvável, pioneiros da radiofonia e da cinematografia educacional no Brasil (1920-1930). // *Educ. rev.*, Belo Horizonte 31 :2 (jun. 2015), 37-59. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000200037&lng=en&nrm=iso>. (26/04/2016).
- Curso de Podcast. (2014). Workshop de Produção de Podcasts: do rádio ao podcast, pt. 1. (2014).
<https://www.youtube.com/watch?v=MEqqcKHeZrA> (2016-04-22).
- Curso de Podcast. (2014). Workshop de Produção de Podcasts: do rádio ao podcast, pt. 2. (2014).
https://www.youtube.com/watch?v=_BSZqMB2qHE (2016-04-22).
- Harris, C. (2006). Blogs, podcasts, and the letter j. // *Library Media Connection*, Estados Unidos, 25: 2 (2006) 60-62.
- Jesus, W. B. de (2014). Podcast e educação: um estudo de caso. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2014. 56 f. // Dissertação (Mestrado), 2014.
<http://hdl.handle.net/11449/121992>. (2016-04-10).
- Library of Congress. Podcast Help.
<https://loc.gov/podcasts/help.html> (2016-04-15).
- Luiz, L. (Org.) (2014). Reflexões sobre o podcast. Marsupial, Nova Iguaçu, 2014.
- Maness, J. M. (2007). Teoria da biblioteca 2.0: web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. // *Inf. & Soc. Est.* 17:1 (2007) 43-51.
- Ortega, Cristina D.; Lara, Marilda L. G. de. (2010). A noção de estrutura e os registros de informação dos sistemas Documentários. // *TransInformação* 22:1 (2010) 7-17.
- Otlet, Paul (1934). *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Editions Mundaneum, Bruxelas, 1934.
- Pollock, J. T (2010). *Web semântica para leigos*. Alta Books, Rio de Janeiro, 2010.
- Prata, Nair (2008). Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. // 31. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul: Natal, RN, 2008. INTERCOM, 2008.
- Santos, Paola (2007). Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. // *Ci. Inf.* 36:2 (2007) 54-63.
- Sarkar, Tanmay de (2012). Introducing podcast in library service: an analytical study. // *VINE Journal of Information and Knowledge Management Systems* 42:2 (2012) 191-213.
- UFRGS. Fronteiras da Ciência.
<http://www.ufrgs.br/frontdaciencia> (2016-04-17).
- UNESP. Sobre o podcast.
<http://podcast.unesp.br/sobre> (2016-04-17).
- USP. Sala de imprensa. Podcast.
<http://www.usp.br/imprensa/?cat=1194> (2016-04-17).
- Zanella, G.; Sprandel, M. (2009). Perspectivas sobre o conceito de Rádio segundo Mariano Cebrián Herreros. // 10. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul: Blumenau, SC, 2009. INTERCOM, 2009.

Copyright: © 2017. Carvalho (et al.). This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 2017-03-26 Accepted: 2017-07-04

Apêndice

Tabela III

<i>Programas</i>	<i>Número de episódios</i>	<i>Período disponibilizado</i>	<i>Possui episódio disponível em mais de um idioma</i>
Voices from the Days of Slavery	3	2009	Não
Music and the Brain	20	2009-2011	Não
Conversations about Digital Preservation	16	2009-2012	Não
Q&A with LCM: Interviews with Library of Congress Magazine	6	2011-2015	Não
Alan Lomax and the Soundscapes of the Upper Midwest	8	2013-2014	Não
National Book Festival	102	2007-2014	Sim

Tabela III. *Programas da Library of Congress e seus quantitativos.*

Tabela IV

<i>National Book Festival</i>								
Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Número de episódios	14	20	16	7	9	15	7	14
Possui episódio disponível em mais de um idioma	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não

Tabela IV. *Detalhamento dos programas do National Book Festival.*